

# A LAVADEIRA E OUTROS CONTOS

FABIANO A. SALIM





A LAVADEIRA  
E OUTROS  
CONTOS



FABIANO A. SALIM

A LAVADEIRA  
E OUTROS  
CONTOS

1ª edição

Belo Horizonte  
Edição do autor  
2018

Catálogo na Publicação (CIP)

---

S165 Salim, Fabiano A.  
A lavadeira e outros contos / Fabiano A. Salim. –  
1a. ed. – Belo Horizonte : Ed. do Autor, 2018.  
116 p.  
ISBN: 978-85-923868-1-8

1. Ficção brasileira – contos I. Título

CDD: B869.3

---

Bibliotecária responsável: Cleide A. Fernandes CRB6/2334

A LAVADEIRA E OUTROS CONTOS

© 2018 COPYRIGHT BY FABIANO A. SALIM

EDITOR

Fabiano A. Salim

SUPERVISÃO EDITORIAL e PROJETO GRÁFICO

Vanderlucio Vieira

ILUSTRAÇÃO CAPA

Tales Ramalho Salim

Adaptação de quadro, óleo sobre tela,  
de Cássia Maria Ramalho

FOTOGRAFIA

Fabiano A. Salim

REVISÃO DE TEXTO

Ana Valéria Fink

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem  
a prévia autorização do autor, por escrito, sob pena de  
constituir violação do copyright (Lei 5.988)

Quer saber mais sobre o autor

fabianosalim@gmail.com

Impresso no Brasil

Formato Artes Gráfica

Belo Horizonte, agosto / 2018

1ª edição: 2018

**ESTE LIVRO ESTÁ DE ACORDO  
COM A NOVA ORTOGRAFIA.**

*Para meus irmãos  
Celso, Celma e Dirce*



“Tristeza também tem o  
seu momento de beleza”.

**Autran Dourado**



## AGRADECIMENTOS

Tive meu primeiro conto publicado em 2011. Nasci em 1957. Portanto, considero que comecei nesta senda muito cedo.

Tenho muito que agradecer aos amigos, jovens de minha contemporaneidade, sem deixar de agradecer também aos das gerações anteriores e posteriores. Foram eles que me incentivaram quando eu enviava um texto para sugestões e os recebia de volta cheios de correções estimulantes. Obrigado Carlos Ibrahim Daura, José Caixeta de Araújo, Márcio Marques de Araújo, Sérgio Brant Rocha e Wilson Borges Bougleux.

São as amizades. São de grande importância nesta nossa curta passagem, tão curta que não nos dá nem mesmo tempo para envelhecer.



## NOTA DO AUTOR

As curtas narrativas se misturam em formas, nomes. São as lendas, casos, contos, fábulas, parábolas.

Provavelmente nossos primeiros contatos com o mundo literário foram as histórias que nos contavam para dormir, tão repetidas, nunca cansativas, que nos davam, em cada narração, a sensação de serem diferentes. Ou eram diferentes as noites?



# SUMÁRIO

|                            |     |
|----------------------------|-----|
| A LAVADEIRA .....          | 15  |
| O HOMEM E O CHAPÉU .....   | 23  |
| DONO DO TEMPO .....        | 29  |
| OS PÁSSAROS .....          | 33  |
| A NATUREZA .....           | 43  |
| A SERPENTE .....           | 49  |
| MUNDO PARALELO .....       | 57  |
| FANÁTICO POR FUTEBOL ..... | 67  |
| A VIAGEM .....             | 79  |
| O CÉPTICO .....            | 89  |
| GRANDE AMIGO .....         | 97  |
| EREMITA POR UM DIA .....   | 107 |



# A LAVADEIRA



**M**eio do nada. Como se nada fosse para quem estava só de passagem. Terra de ninguém. Como se fossem ninguém, para o resto do mundo, os que ali moravam. Era o arraial apelidado de Passa Fome. Que isso também não era nome de lugar para gente querer viver, desprezavam os que ouviam falar daí.

Fincada à beira de uma estrada velha que liga o sertão ao sertão, se via, atrás de um terreiro de chão batido, salpicado de canteiros mal-arranjados, sortidos com margaridas, boninas, cravinas e outras flores do campo, desdenhada por quem não era dali, a casa branca caiada com a barra marrom pintada pelos pingos da chuva

que borrifavam, com lama solta, a parte baixa da parede.

À direita, de cá da ponte, para quem vai à procura do que fazer, ou de lá da ponte, à esquerda, para quem volta depois do ter feito, fatigado, de ter emprestado pedaço da vida em troca de parte do pão, aquele casebre, rústico de dar dó, era impossível de não ser notado.

Naquele trecho, a pé ou a cavalo, as andanças eram amaciadas quando o “fidideus” batia os olhos no espetáculo multicolorido, tons dependurados no varal imitando uma cerca que, no querendo colocar limites ao pátio, deixava escapar as imaginações.

A moradora, lavadeira dos arredores, quando saía de casa, era para equilibrar uma trouxa de roupa na cabeça ou uma lata d’água sobre uma toalha enrodilhada como cobra sucuri.

Grisalha. Negra. Dorso curvado, pontiagudo. Queixo encimado por lábios murchos. Testa vincada, rugas profundas que começavam nos cantos do nariz riscando até as extremidades da boca, marcavam a expressão de um rosto triste.

O trajeto até o córrego, ao fundo de sua casa, era de chegada difícil, pisadura em dores que brotavam em todo o corpo, cada dia mais. Não tinha remédio. A necessidade, repinicando, andava com rapidez, obrigando-a à tolerância dos incômodos ajustes da idade, aos empréstimos dos músculos combalidos a quem se imbicava pelos matos a fazer um servicinho; e restava sem meios para lavar a própria roupa suja. Mesmo aqueles que chegavam, já de noitinha, depois de tanta labuta, com disposição para espichar o cansaço, renunciavam, ao lembrar que o candeeiro negava luz na beira da correnteza.

A lavadeira ensaboava, quarava, enxaguava e torcia para depois montar a exposição bordejando o caminho, obra de arte parida em seu ateliê, o riacho.

No demasiado de querer apurar a vida com menos dissabor, o árduo da luta era recompensado. Sabia ela que muitos passantes eram de estimar sua criação estendida no varal, balançando formatos, sacolejando cores.

Depois de montar o painel, sentava em um tronco de árvore jogado na horizontal ao lado da porta, recostava nos adobes da parede, ficava

apreciando suas pinceladas finais, conversando com o tempo, fazendo perguntas ao vento, pedindo conselhos à claridade. Sonhava. Quem dera ter com uma vida que não a de ficar observando os segundos formarem os minutos e os minutos horando pelos dias.

Para tantos caminheiros, sobrava riqueza nas aquarelas enfileiradas ao ar livre. Festiva exibição. Mostra moderna, tons improvisados, combinações de desconformes que enchiam as pupilas de qualquer que assistia àquela apresentação, palco iluminado pela natureza, dança ao prazer de tempo nenhum. O sol derramava seus raios de forma igual, do mesmo modo que os movimentos do ar acariciavam os tecidos, sem discriminação, em oscilação livre na trajetória de vaivém.

Aquele varal não era apenas roupas presas em um fio. As vestes exibiam vida, eram cúmplices de um dia a dia, de histórias, ampliavam a beleza dos bordados, salientavam as partes unidas com linha e agulha. Estendidas, enredavam seus usuários.

Quando uma lufada soprava mais forte, cantarolava uma música. Peças de vestuário tomavam almas emprestadas, batiam palmas, en-

saiavam um movimento. Era como uma ciranda de bambolins, um espetáculo tamanho que fazia germinar indagações sobre o que os panos cobriam, a que pessoas serviam, de que trabalhos participavam, que passeios gozavam. Os mais audaciosos viam os lençóis balançando em timidez, escondendo o que foram as noites. Imaginavam quem levantaria as saias, tiraria as calças, suspenderia as blusas.

A solitária serviçal, morando de favores, saquejava sempre a preocupação por um trabalho hoje que garantisse, pelo menos, uma lambujem para o turno seguinte; o que não permitia tempo para lembrar da infância, da adolescência quebrada no broto, que fez desbotar o ventre depois que o primeiro e único mancebo que amou, rompendo horizontes, desapareceu.

Quando o varal balangava o vazio, enchia o quarto de insônia. O pensamento martelava a pouca farinha no pote, o tiquinho de pó que ainda sobrara para esticar em café ralo, a água no regato escorrendo sem razão nem rima, já que não teve o que lavar. Sofria.

Um dia, a artista mudou de vida, a sorte chegou sorrindo, a manhã não se apresentou. Ves-

tida de gala, triunfante dentro de seu enxoval de luxo, desceu à terra, está deitada em cova rasa, carente de velório, envolvida em cobertor puído.

O HOMEM E O CHAPÉU



**E**ntrei na portaria. Chegava da caminhada matinal. Lá estava ele, em pé, de conversa com o porteiro. Há muito não via um no formato, na cor. Não resisti. Acabei falando direto, na lata: bonito, muito bonito! Só depois que um pedaço de tempo me sacudiu, é que arrematei: o chapéu. Na minha idade, não precisava explicar, estava claro, a exclamação era para o chapéu. Ou pensaram o quê? Ora, bolas! O porteiro nem tem que pensar nada, não era ele o dono do chapéu. Pois, não é? O outro até que poderia achar de entender alguma coisa. Que nada! Eu só queria ser simpática. Uma idosa fazendo uma declaração dessas para um desconhecido? Nem pensar! Também

nem saí apressada. Para quê? Não tenho que me desculpar porque achei bonito, muito bonito, aquele chapéu. Não ele, o dono, claro, mas o chapéu. Tô falando... Não acredita? Agora estou aqui, no meu canto, sozinha, na cozinha, preparando o lanche da metade da manhã, matutando, matutando: Mas pode um chapéu ser bonito por si só ou nessa beleza está a participação de quem o usa? E o dono, pode ser bonito sem o chapéu? Ah! Mas no antigamente um chapéu e uma bengala davam charme ao usuário. Esses acessórios rebolados em um canto, sem estar amparados por uma cabeça ou uma enluvada mão, não arrancavam atenção de ninguém. Mas então... quer dizer que eu... Não, não foi isso que quis dizer. Minha atenção foi para o chapéu. Eu sou do tempo em que existiam lojas e mais lojas desse artigo, para as mais diferentes classes e eventos, de festas a velórios. Ora, ora! Pronto. Sinto que estou ficando vermelha. Estou envergonhada? Na minha expressão, será que deixei transparecer alguma coisa? Se foi, foi sem querer. Ó gente! Falo seriamente. Viúva, como poderia me atrever a um elogio desse a quem nunca vira? Lembrei do finado agora. Parece até que ele surgiu aqui ao

meu lado, sinto o cheiro dele. Ele ralhará comigo. Bobagem, meu velho, um chapéu pode ser bonito aqui como alhures, não vamos ficar com pensamentos de contrariedade, deixa pra lá, seu banho está preparado, vá logo antes que a água esfrie. Se não fosse aquele chapéu, eu não me lembraria de você neste exato momento. Tá vendo? Foi bom, nesse ponto. Pelo menos, fazia um tempinho que eu não via um chapéu bonito. O último de que me recordo era de quando você chegava em casa nos fins de tarde, dependurava seu Fedora, um pele de lontra azul acinzentado, na chapeleira ao lado da porta. Achava lindos. Você e o chapéu. Agora, esse tempo tá tão longe, e o que me faz bololô nas ideias tá bem pertinho. Querem saber de um treco? Também não sou zureta do que brota na veneta. Vai ser o que é. Vamos pôr termo na atarantação. Eu não dei trato à imaginação, ainda tenho a capacidade de achar algo bonito, apreciar, por exemplo, uma combinação de coisas. Ainda sei diferenciar o que é bom. Um chapéu, conheço de longe. Sou do tempo em que todo cavalheiro usava um. De longe a gente conhecia o garbo e, pela elegância, a marca. Existiam muitas. Pensando bem, ele me dirigiu um

bom-dia e eu nem respondi, aquele chapéu tinha uma cara boa. Uma idosa não tem o direito de achar um chapéu bonito? E um homem? Agora tenho que esconder que não olhei para o chapéu e, sim, para os olhos do dono? Se tudo isso vai ficar comigo mesmo, então bonito eu acho o que bem entender. É. E se ele fosse abusado o suficiente para me perguntar “eu ou o chapéu?” Melhor nem pensar. Arreda, ideia! Tenho que sair novamente. Ligeiro. Ir ao mercadinho. Comprar qualquer coisa.

DONO DO TEMPO



**E**le, que se achava dono do tempo. De repente, viu um minuto dobrar a esquina, sentiu que acabara de pisar em uma lágrima, sua, que chorava passos dados sem medida, sem metro, sem métrica, sem braça, sem braço nem abraço: apenas o oco de uma vida em litro derramada pelo chão, esparramada, esperando agora um futuro que foi esmagado pelo seu próprio decurso.

Sentiu frio.



# OS PÁSSAROS



“Para que veas los mundos del mundo,  
cambia tus ojos. Para que los pájaros escuchen  
tu canto, cambia tu garganta”

(Do livro **Los hijos de los días**, de Eduardo Galeano)

Depois da labuta, no sol querendo voltar só amanhã, ele parava na escada da varanda. Como numa dança de catira, batia os pés no primeiro degrau para sacudir o pó. Suspirava para expurgar o cansaço e deitava na rede, corpo na transversal, braços esticados na direção dos punhos da tecelagem e, com as pontas das botas, começava o galeio, lembrando uma ave, fazendo chiar os ganchos cravados nos pilares em madeira de lei que sustentavam a telha vã, aragem secular que abrigou o avô, o pai, agora ele.

Olhava tudo de régua passada. Os olhos não brilhavam distinções. Na mesmice, via as lagartixas, os micos, o cachorro abanando a cauda com

sua chegada, as galinhas atravessando quintal, as vacas logo adiante, criadas na soltura, o verde lá no fundo, que em breve tombaria na colheita dos grãos.

Era uma rotina que continuava nos cochilos. Depois o banho. Enquanto a boia fervia nas trempes do fogão a lenha, cachacinhas para abrir o apetite. Não demorava o riscado rumo à cama, um pouco de rádio, a lembrança dos filhos que embicaram para a cidade grande e nunca mais voltaram, a saudade da mulher que cedo se foi, deixando um lado do colchão para deitar livros, bocado a bocado apreciados. No meio de uma página sempre encontrava o silêncio do sono. As narrativas continuavam nos sonhos.

Ir à cidade? Só uma vez aqui, outra ali, quando a produção justificava frete. Aproveitava para resolver coisas, comprar o pouco que faltava, fazer visitas de oportunidade. Tudo dentro de rápido vai e vem. Para ele, as coisas do de lá passavam no desapego. Foi se arredando cada vez mais, ganhou a alcunha de bicho do mato. Não se importava. Gostava do mato. Quanto ao bicho, cochichava sozinho que todos não passam disso, desaforado quem dissesse que não.

Queria entender a povoação vivendo em meio às rapalhas, aceitando com passividade as desrazões acontecendo à valentona, sob malhão. Matutava, matutava. No traçado das desseme-lhanças, se sentia favorecido, pois fundeava no tino de que, no mato, um bicho devora outro para matar a fome; já na cidade, não, pelo contrário, são os saciados que comem quem têm fome. Ficava se perguntando “e os quem, quem são?” “ah!”, retrucava, “são os devorados devagarinho, da esperança ao sufrágio, para que só os mastigadores engordem, como representantes dos quem têm sede de comida”. Não gostava da comparação, mudava o rumo dos pensamentos.

Certa vez, esticado na rede, lembrou-se de um autor sertanejo que escreveu algo sobre os pássaros. Foi desnovelando as ideias. “Lembrei! Manoel de Barros”, gritou, contente. Insistiu. Recordou que era mais ou menos assim: “Tão pequeninos no chão, se tornam tão maiores que o homem quando no voo, lá em cima, ou até mesmo pousados em alto de árvores”. Engaiolou esses dizeres que nunca mais saíram de sua cachola.

Daí para frente, ao voltar das roças, não existia outra coisa, sempre os pássaros, como se

doses diárias o embriagassem cada vez mais. Observava a elegância de cada, as diferenças das cores, os brilhos das plumagens. Não bastavam só as horas de folga, o tempo do labor foi cedendo espaço, mais tempo para espreitar aqueles pequenos a quem nunca dera importância, mas que estavam bem ao lado, provocando admiração, visão prazerosa. Reparava nas suas variações. Ali tinha Canarinho. Dali voava Rolinha.

Balançando na rede, sem se preocupar com o que tinha para diligenciar, no “quefazer” na terra, apreciando ficava. “Vou pousar aqui hoje”. Dormia. De manhã, acordava assoviando. Queria ser um deles. A casa passou a ser uma retenção. Desejava, num quem dera, pelo menos uma gaiola aberta, tão somente dependurada no tempo, sem alça, num balançar apingentado por pêndulo invisível.

Contemplava. Conferia. Tinha Sanhaço, tinha Bem-te-vi. Sentia que os pequenos conheciam os homens. Para uns, o canto, para outros, nem um pio.

Tinha Cardeal, tinha Iraúna-grande. Cada um no seu jeito, pareciam trajados para festa de gala.

Curió tinha não. Pintassilgo também não. Ali não. Mas sabia que, bem pra lá do acolá da serra, onde o predador com seu alçapão não chegava, esparramavam eles seus cantos de ouro.

Na pena pela falta de asas, aprendeu a fechar os olhos, ser indiferente às constâncias. As asas que batiam dentro de sua cabeça, fazendo ouvir e sentir o deslocamento de ar, pareciam querer desprender um outro, deixar no solo apenas a casca, cruzar céus, ocupar-se do nada, solto na vida.

No começo, a imaginação não permitia alçar voo. Restava como um filhote que caiu do ninho tentando ganhar ares e andar ao mesmo tempo.

Aprendeu ligeiro. Bamboleava com os pássaros. Cerrando as pálpebras, se sentia diferente, não gente. O pano, em leve balançar, o arremessava para o alto, desprendendo pensamentos para jornadas ao vento, bem lá por cima, de onde via tudo, coisas que destapavam à retina somente para quem sabe planar. Sobrevoava a amplidão dos abismos, tomava rasantes no fundo dos perais, arremetia em velocidade. Descortinava as paisagens com os olhos de águia que a terra não haveria de comer. Era sua certeza.

Sobrevoou rios e oceanos. Do alto, via o desembocar de um caudaloso doce tentando mudar a cor das vagas salgadas, que faziam pouco caso das manchas barrentas arremessadas em sua imensidão.

Pousando em uma aqui, em outra ali, sentiu a importância das árvores na vida da passarada, sombra em fruto bem aproveitado. Retomava o firmamento em melodias, cantarolando sinfonia de pardais, sabiá lá na gaiola.

Como viajero pelas matas, conheceu o Pintor-verdadeiro com suas penas misturando cores variadas, a Freirinha vestida de preto com a cabeça branquinha que nem véu, o Máscara-preta que lembrava o Zorro, o Saíra-beija-flor de azul encantador. Conversou com o Gurim, com o Xexéu, com o Araçari-poca. Também trocou palavras com o Corrupião, com o Socó-boi, com o Corruíra e mais tantos. Amigos. Tinha agora outros semelhantes. Assim se sentia descartando agonias, rebolando para longe as dores, ganhando serenidade.

Suas reflexões se desdobravam. Cogitou as pessoas com o dom de voar; mais vale um passarinho na mão que dois voando, que mentira; não

existe barreira para o longe, estava tudo bem perto, seja lá onde se quer ir; um ser racional não precisa ter saudades, basta aprender a bater asas.

Numa tarde, fez o único voo que o homem pode fazer com os próprios recursos. Foi encontrado deitado na rede, pezinhos juntos, joelhos dobrados. Uma avezinha imóvel no fundo da gaiola. Parado estava seu coração, amiudado como o de um passarinho, mas grande pela falta das coisas sem valor.

Saira para se sustentar no ar pela última vez, itinerante, migratório.

Com o pensamento de que quanto mais alto se voa em sonhos, mais fácil é encontrar a verdade, foi dobrando asas mar adentro. Ritmando os movimentos sobre as águas, manteve o deslocamento em circunferência, até pousar na crista de uma onda. Viu então um horizonte invertido daquele que apreciava quando estava na areia da praia. Despediu-se do verde que sempre adorou, das flores que cheirou, dos rios em que nadou, dos caminhos que percorreu.

Antes de afundar em água firme, avistando lá de longe a linha continental, teve o último pensamento: “Foi lá que naufraguei...”



A NATUREZA



Doce despertar. De sempre. Despreocupadamente, o conforto irreparável da casa ele dividia com a esposa e os filhos, saboreando incertos deleites que a vida tem para oferecer a quem pode pagar.

Móveis em madeira de lei. Água tratada. Aparelhos mil. Eletroeletrônicos distribuídos abusadamente por todo o lar. A origem dos recursos naturais que geravam o que recebiam nas mãos, não importava. Que não lhes faltasse nada. Vida em equilíbrio, a deles.

Bocejou. Vestindo ainda o pijama, recolheu os jornais atirados pelo entregador. Uma manhã luminosa. O banquete do café da manhã o espe-

rava com fartura de frutas, iguarias produzidas sabe-se lá onde, às custas de quem ou meios de quê. O prazer estava posto. E apenas começava a jornada.

Nem se preocupou em saudar o dia. Chegou à janela da sala, abriu as duas bandas, fazendo correr o vidro fumê sobre o parapeito em granito. Debruçou-se. Ficou irritado com o sol tão quente naquele momento. Pensava no “fazer o quê?” Era domingo. Escolheria um refúgio afastado do poaréu. Não gostava de se misturar.

Quando assim devaneava, olhando lá fora, sentiu repetidos pingos frios a incomodar o dorso. Não virou de pronto, porque queria, pelo menos, puxar o fio da meada para entender de onde poderia vir tal gotejamento. Sem conclusão, deparou-se, ao girar sobre os calcanhares, com a sala em tempestade. Chovia apenas dentro dos seus cantos. Aguaceiro. Ventania.

Apavorado, saiu a passos largos. Na cozinha, um vulcão derramava lava, que escorria pelo painel de azulejos sofisticados, atravessava a área *gourmet* preparada para o seu desjejum, fazendo deslizar para o quintal um borbulhão fumegante.

No grande lavabo, entre a sala e o jardim de inverno, a escuridão despertou curiosidade. Chegou à porta. Notou, através da penumbra, que estalagmites e estalactites dificultavam a passagem. Foi quando ouviu os gritos da mulher ecoarem lá no fundo, como se ele estivesse na entrada, em um janelão de uma imensa caverna. Estranhou. Ela tinha o hábito de dormir até mais tarde, sob o frescor do ar condicionado e em lençóis de seda pura.

Tentando chegar ao quarto nupcial, empacou. Antes teria que atravessar a enorme copa com três ambientes, um deles, o das harmoniosas refeições com a família. Encostado em uma parede, o que viu foi um mar agitado batendo suas ondas nervosamente, respingando forte em todo o pé direito. Suas vagas com gorro de espuma chegavam até a divisa com a sala, retornavam revirando, recolhendo, para depois vomitar pedaços de mesa, restos de cadeiras, vidrarias e ornamentos. Dali, estupefato, assistiu, vindo de onde estava a esposa, um lamaçal, chorume enegrecido, a entupir todo o vão da porta. Sentiu-se na inutilidade para tentar vencer tudo aquilo.

Lembrou dos filhos. Apavorou-se. No cômodo onde dormiam, um furacão desaparecia com roupas, lençóis, jogava pelos ares camas, guarda-roupa, escrivaninhas, que subiam até o teto, numa dança circular esquisita, para depois retornar aos pedaços, em pancadas, como querendo, na fúria, quebrar o piso de cerâmica importada. Nenhum sinal de viv'alma.

Fugindo, conseguiu chegar ao avarandado que abraçava toda a casa. O piso em mármore europeu transformara-se em geleira. Queimou os pés descalços. Apressou-se. Tentou alcançar a terra firme do gramado que se estendia, entre flores e fruteiras, até a murada com o vizinho. Percebeu que não existia mais nada.

Às suas costas, a casa desmoronava, sacudida por um terremoto em escala descomunal. À sua frente, penhascos sem fundo mostravam o oco do mundo. Surtou. Querendo ficar livre das convicções com as quais se achava o resumo das essências, desceu do alto de seus tamancos, correu como um raio. Buscou, com um salto, se agarrar na neblina, no bafo do abismo.

A SERPENTE



Quando entrou na casa, anos depois, viu nas paredes os mesmos quadros dependurados, com a sobrecarga do tempo. Os móveis ganharam o pó do descuido. O ar de família morrera por asfixia.

Sentiu que não deveria ter voltado. Que corresse o leilão sem aquela despedida desnecessária. Com a morte da única irmã, com ela foram enterradas as desavenças. Dividiria com os sobrinhos o que fosse apurado.

Ao mesmo tempo, achou que rever a fazenda, terra de tanta intriga hereditária, poderia resgatar algum momento da felicidade que ali vivera.

Os passeios que fez não preencheram o vazio da alma. Percorreu toda a área. Em pensamento, arrematou que as coisas se depreciam mais quando não são usadas, na ausência do homem, parecendo que tudo que construímos toma vida, que sente saudade quando partimos.

Andou pela pastagem infestada por ervas daninhas. Ziguezagueou no pomar invadido pelo matagal. Na imaginação, como nos tempos de criança, nadou na represa, agora trincada, vazando água lodosa, pronta para a ruptura a qualquer momento. Subiu com cuidado pelas tábuas do curral, percebeu que o telhado da cobertura estava arqueado, formando uma barriga perigosa que a cumeeira não suportaria por muito tempo. As telhas de fatura no passado quedaram em ruínas. O delicioso aroma adocicado no barracão do alambique fora trocado pelo cheiro fétido que deixam os morcegos quando tomam conta.

Retornando, à tardinha, desistiu de voltar à cidade na sequência. Tinha a alma fria. Precisava do bafo de uma bebida para se sentir vivo. Buscou uma garrafa no carro, espanou a poeira de um tamborete, sentou, suspirou, no bico tomou a primeira dose. Logo em seguida, outra

talagada. A friagem na alma parecia invencível. Virou mais uma. Bebia sem parar, para aumentar a sensação de reconforto, como se precisasse de permissão para reviver o passado.

Começou pela lembrança do pai esbanjando saúde, montando em cavalos, distribuindo ordens, formando rodas, cartecendo com a peonada nas horas de folga. Broco e carinhoso. Um homem bonito.

Da mãe, reviveu a imagem de que não largava do pai, sempre juntinhos. “Não desgarrar da barra da saia do macho” diziam os amigos. “Óia o respeito” retrucavam ao mesmo tempo, de forma camarada. Rude e afável. Uma mulher linda.

Pensou na irmã, um pouco mais nova, veio a recordação de que se sentia como o guardião dela. Inseparáveis. As brincadeiras, as corridas pelos ramais, chinelos batendo, poeiras levantando inocência.

Cantando o que a mãe ensinou, partiu para estudar na cidade. A maninha, como a chamava, tempos depois deixava o meio roceiro. Escolas diferentes. Se encontravam durante as primeiras férias colegiais. Depois, nem assim. Os interesses mudaram.

Na última vez que a viu atravessar as portei-  
ras, trazia o namorado. Presenciou o pedido de  
noivado. De resto, foram encontros de um tempo  
aqui, outro ali, compromissos familiares de co-  
memorações, até o afastamento quase total de-  
pois que o velho morreu, e a mãe, não suportan-  
do a perda, se despediu tão logo.

Embriagou-se com a mistura da bebida com  
as lembranças. Na remontagem dos fatos, reco-  
nheceu que também errara. Tinha certeza que os  
velhos não imaginavam que germinariam tantos  
desentendimentos pela partilha.

Anoiteceu. Acendeu, apoiado no piso, um  
toco de vela, puro cisco, que encontrou largado  
no batente do janelão da sala. A bebida calça-  
va companhia. O recorde cambaleava memória.  
Planaram juntos até que algo mexendo no chão,  
bem à sua frente, cortou a linha do carretel do  
passado. Observou. Chegou à conclusão de que  
não passava de uma minhoca fora de lugar àque-  
la hora. “Que coisa, não?”, resmungou.

Tentou voltar às recordações. Foi por pouco  
tempo. A sensação de que o pequeno animal de  
solo crescera, perturbou a ordem. “Qual o quê?  
Será que bebi demais? ”, perguntou a si mesmo,

como se estivesse diante de um espelho. Achou graça. Continuou nos tragos.

A atenção agora era para a metamorfose da pequena serpente que se encontrava em sua frente. Enrodilhando-se, ela foi avolumando. Bebendo, ele foi minguando. Já não concatenava.

A víbora chegou ao nível de seus joelhos. Os dois se encararam. Ficaram assim até o álcool o dominar para um cochilo.

Sacudindo o chocalho, ela o acordou. Com a cabeça maneando rapidamente de um lado para outro, sentiu que estava bêbado. Mesmo assim, passou a mão no gargalo, bochechou com a cachaça, continuou emborcando para amansar a sede.

Divertiu-se por não saber de alucinação em bebedeira. Era a primeira vez. Bateu forte com o pé no assoalho. O baque sacolejou, fez tremular a luz artificial. A serpente não aluiu. O amarelado indeciso da chama mostrou as escamas malhadas, brilhantes, sobrepostas. “Pronto, é cobra, mas tá na minha imaginação”, sossegou com uma risada.

Tentou empurrar para longe aquela doidice. Ao olhar para a serpente, como a se despe-

dir, desconfiou que ela apresentava um sorriso tímido. Quis levantar. Percebeu que o sorriso tomava forma de lábios humanos, crescendo até ultrapassar a largura da cabeça. Ficou imóvel. A boca, silvando em gargalhadas, desenhando lábios e dentes em um rosto de mulher conhecida, o deixou apenas com um resto de força para se embriagar mais.

No dia seguinte, na hora de averiguar o imóvel a ser leiloadado, a primeira visita encontrou, na varanda principal, um corpo de homem largado no chão, em posição fetal, roxo em todas as partes visíveis. Ao lado da equimose na face, um filete de sangue escorrido pela boca. A urina escura molhava o piso.

Encostada no defunto, uma serpente, também imóvel, rascunhando seus contornos.

MUNDO PARALELO



Tinha capacidade diferenciada. Para os mais observadores, passou a ser exposta, de pouco em pouco, involuntariamente.

A infância não foi diferente da dos outros meninos pelas ruas. Alegrias. Intrigas.

O primeiro trabalho, serviçal, foi comemorado pela simplicidade da família, onde o profissionalismo era determinado pelas necessidades, normalmente rompendo a infância no meio do caminho.

O corpo, arremedo de adulto para a labuta durante o dia, desaguava na estatura de uma criança, à noite, no rumo da escola. No colégio, um estudante como todos, brincadeiras, desen-

tendimentos, paqueras. Transcorreriam as coisas no comum se ele não brilhasse tanto ao fim de cada ano. Notas máximas sem nada anotar, apenas prestava atenção nos professores. Não tinha o hábito de levar caderno, sua capacidade de absorção o agraciava com essa despesa a menos.

Conseguiu colocação no serviço público. Estava sempre apresentando soluções, mesmo diante de equações mais complicadas. Nunca chegou a um cargo diferenciado, por menor que fosse. Não se importava com isso. Mesmo assim, não era dispensado em ocasiões importantes. Sua presença inspirava confiança nas tomadas de decisões.

Em um dado período da adolescência, parentes, colegas, perceberam nele um modo novo, o de ficar passeando com o olhar para todos os lados e a cabeça, como o resto do corpo, estática, sem mover um músculo sequer. Só voltava ao normal depois que alguém cutucava, “tá maluco?”

Vieram, a seguir, as paralisias gerais. Podia estar fazendo o que fosse. Num átimo, nenhum movimento mais, uma estátua. Nessas ocasiões não adiantava tocá-lo ou o chamá-lo pelo nome. O retorno acontecia naturalmente. Nessa hora,

palpites não faltavam: “Sempre achei que ele tinha um parafuso a menos”; “Nada, isso é coisa da puberdade, ele não está sabendo descarregar as energias”; “Começa assim, vai piorando”; “Tem remédio, não!”.

Médicos concluíram que se tratava de um tipo de catalepsia. Uma varredura clínica não detectou nada.

Esses acessos desapareceram, mesmo indicados como doença incurável.

Surgiu uma outra atitude, ficou extremamente sensível. Quando descobriram, para seu incômodo, pessoas passavam, mesmo à distância, chamavam-no mostrando as mãos se mexendo, simulando cócegas. Então, ele se contorcía, como se sentisse os dedos tocando seu corpo. Também à distância, mesmo avisado, se alguém batesse palma ou emitisse algum som, que fosse quase nada, ele se assustava como se estivesse desprevenido. Foi importunado, para a diversão de muitos, por um bom tempo, até que tais efeitos também desaparecessem.

Depois de alguns meses calado, quieto, visivelmente pensativo, causando desconfiança em muitos, voltou a prostrar, para o agrado dos

amigos, que nomearam os momentos anteriores como “coisa passageira”.

Em pouco tempo, as conversas, os assuntos que ele trazia para as rodas deixavam muitos boquiabertos.

Dizia que um outro mundo estaria em nosso meio. Estávamos vivendo de forma a contestar a lei de que dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço. Essa, e outras teorias, ganhariam fim com a descoberta da nova vida enroscada entre nós. Chamava isso de mundo paralelo.

Esse mundo paralelo, que dizia estar conhecendo, poderia ser a chave para solução de muitos problemas que vivemos, coisas de simples aplicação, que iluminaria as mentes de muitos pesquisadores, pouparia tempo, investimento.

Dizia que os seres do mundo paralelo atravessavam nossos corpos, tudo mais que temos de concreto e que, da mesma forma, atuamos fazendo o mesmo, sem que eles nos percebam.

Através do outro mundo, também experimentava sons por aqui inexistentes, cores diferentes de que não temos referência, outros sentidos além dos que conhecemos.

Conseguia enxergar os dois mundos em movimento, ao mesmo tempo. Não podia afirmar qual era mais evoluído, mas percebia coisas que poderiam ser aproveitadas em benefício de ambos. Um passo enorme para inúmeras questões cujas resoluções se mostram em horizonte distante, quase sem esperança.

O resultado é que começou a ser chamado de insano. Não dava ouvidos. Insistia. Mostrava suas convicções, descrevia, garantia que, se apoiado, poderia esclarecer com sinais a grande oportunidade que chegaria até nós. Citava exemplos de mudanças possíveis para a crescente de todos.

Ao ser questionado, dizia que os entes do outro mundo se apresentavam como nós, desconsiderando, claro, algumas pequenas diferenças.

Explicava que nossos sentidos não permitem, pelo menos por enquanto, à grande maioria, captar o mínimo necessário para uma compreensão, mas com a tecnologia galopante que temos, a aproximação das partes poderia ser facilitada, até mesmo porque muitas coisas se parecem, são comuns, como exemplos, o fogo, a água. Esta última, utilizada por eles nas mesmas fontes que nós.

Disse ter encontrado um indivíduo do outro mundo que também percebia o nosso de cá. Era a grande esperança. Tornaria mais fácil o intercâmbio, as experiências, a aplicação de parte de um em outro, obtendo a chave para desvendar inúmeros mistérios.

Detalhava que no outro mundo os habitantes tinham o espírito materializado, como também eram materializadas a mentira, a verdade, descartando a relatividade. No paralelo, cada um conhecia o dia certo de sua morte. O futuro era sabido por todos. Se aqui podemos ter personalidades diferentes em uma só pessoa, no outro existia a possibilidade de mais de um ser em uma só personalidade. Podiam dividir, transferir sentimentos. Com o conhecimento da data de falecimento, de véspera, todos os bons sentimentos eram distribuídos como presentes. Definiam a morte como a falta geral desses sentimentos.

Constantemente era indagado sobre evidências. Ele respondia com outra pergunta: “Quem nunca sentiu um vulto passar perto de nós e, quando nos voltamos para olhar quem é, não encontramos ninguém?” Completava: “Isso é a per-

cepção mais aguçada de quem, algum dia, poderá constatar o que estou enxergando”.

Explicava que não queria dizer com isso que estava acima de ninguém, apenas que algo o transformou. Queria usar isso para ajudar em muita coisa.

Muitos perguntavam por que só ele. Então dizia que não, outras pessoas também percebiam, que no passado muitas foram executadas após acusação de bruxaria, loucura danosa.

Disse que poderia sair desse mundo, ficar só no outro, independentemente do tempo. Nesse caso, passaria por um processo como numa abdução. Mas queria ficar presente nos dois ao mesmo tempo, traçando comparações.

Para uns, um pinel que jorrava maluquices. Para outros, um milagreiro que indicava o caminho correto nas bifurcações. Ajudou a elucidar fatos.

Quando começou a dar esclarecimentos no que todos tinham dúvidas, passou a ser ameaça para quem agia por debaixo dos panos. Pesou-lhe a campanha da difamação.

Apesar de toda sua tranquilidade, foi considerado louco varrido, ensacado em uma camisa de força, internado em manicômio, visitação restrita.

Para dar cabo a qualquer possibilidade de sua volta à sociedade, colocaram em sua conta delitos que não cometera. Recluso, comentavam os guardas, não se queixava da situação, parecia viver em outro mundo.

Algumas vezes falava sozinho. Em outras, chamava o carcereiro da vez para uma conversa. Dizia que sentiria falta daqui, descrevia o que ocorreria no mundo nas próximas horas. “Não se enganou nenhuma vez”, afirmaram os agentes.

Um dia, a cela amanheceu vazia, mesmo sob cuidadoso trancamento, atenta vigilância.

Para muitos, alívio por fatos que não mais viriam à tona. Para tantos, preces para um breve retorno.

FANÁTICO POR FUTEBOL



“Bem-aventurados os que não entendem nem aspiram a entender de futebol, pois deles é o reino da tranquilidade.”

(Extraído da crônica **O sermão da planície**, de Carlos Drummond de Andrade)

Fanático por futebol. Era. Ou...? Sabe-se lá!

Horas de sua vida. Dedicção total. De manhã até à noite, ao pegar no sono, a notícia de interesse maior, quase exclusivo, era sobre seu time do coração. Com o rádio ao pé do ouvido, escutava todos os programas futebolísticos. Interessava-se pelas contratações, escalações, entrevistas e até pela agenda do presidente da agremiação.

Em dia de jogo, não desgrudava do sofá. Televisão e rádio ao mesmo tempo. Nas vitórias, tomava umas para comemorar, continuação daquele porre iniciado nas especulações do pré-jo-

go. Nas derrotas, amuação certa até a próxima partida.

Dessa maneira, varavam os meses. De rodada em rodada, as questões com a patroa ficavam no banco de reserva. Assistências, lançamentos, penetrações e arremates eram prorrogados para o fim da temporada.

Não se sabe ao certo, mas de uma hora para outra resolveu largar tudo que se referia ao futebol. Nos bastidores, diziam ter desconfiado que, se continuasse naquela paixão, a companheira poderia começar com amistosos fora. Não vacilou, ela ainda batia um bolão.

A vida passava. Primeira etapa, segunda etapa. Peleja difícil quando viu a família amadurecida, filhos rumados em outros interesses. Sentiu-se sozinho na arquibancada. Refletores prestes a apagar. Notícia boa não vinha mais da telinha. O rádio ficara sem pilhas desde sua enérgica decisão. A companheira, titular em diversas posições, agora ao lado sem tática ofensiva, na retranca, nem mais se lembrava do último troféu.

O fato é que, aos poucos, começou a triscar os olhos no caderno de esporte dos jornais, assistir àqueles pequenos programas que falam do

assunto no horário do almoço, reparar mais nos torcedores desfilando com camisas pelas ruas. De novo foi se afeiçoando ao tema. Reencontrou o futebol em sua vida. Foi como a retomada de um vício. Ou daqueles amores reatados que voltam mais fortes. O sentimento de bola murcha que sentia, jogou para a linha de fundo.

Retrocedia aos acontecimentos. No túnel do tempo, gravações da memória, revivia os momentos de glórias. Quando brotava algum fato relacionado a derrotas catastróficas, pulava.

Rolou a bola.

Bem informado novamente, a esperança era ver seu time deixar de amargar o longo tempo sem uma grande conquista. Na primeira competição que resolveu acompanhar com afinco, sentiu que prometia. Seria uma concentração de alegrias. Comprou camisa nova, ou melhor, camisas, pois permanecia nele a superstição de que, a depender do adversário, o manto, como chamava, tinha que ser assim, ou assado.

O campeonato afunilava. As possibilidades de levantar o caneco restaram para poucas equipes, entre elas, a sua.

A cada jogo, expectativa maior, sossego menor. Todas as vezes que se preparava, cerveja gelada, cores no peito, acontecia algo: enterro de parente distante de um colega de aposentadoria; churrasco de confraternização que ele não programara; cunhada internada às pressas com cólica renal. Teve de tudo. Justo nos horários dos jogos.

Em um importante confronto, resultado que adiantaria seu time para uma nova fase próxima à grande decisão, foi justamente no apito do juiz determinando o início, que ouviu: “Adivinha? A mamãe veio nos visitar, olha que bom!”. Quis morrer. A bola pipocando, ele no sem jeito. “Tem nada não”, pensou. “O importante é que prosseguimos no trajeto do caneco”, completou o consolo.

E lá vem mais dia especial. Acordou sem tirar da ideia os cogitados onze a pisar no gramado; se tal desfalque poderia prejudicar; o juiz sorteado para soprar a latinha não era confiável. Uma pelota de indagações inquietava seu juízo.

Era semifinal. Estrila o apito, chia a campainha da porta. Um conhecido, que tinha pavor

de futebol, acabara de chegar para aquela conversinha de fim de tarde, resto de domingo, coisa de quem não tem o que fazer. Além de não ver o jogo, o blá-blá-blá do passeador, na medida em que bebia, não saía do lugar. Desespero. Mais uma vez se conformou em ver o jogo nos repetecos. Assistiu diversas vezes. Era como se fosse ao vivo. Vestiu camisa, bebeu, vibrou. “Tem nada não, estamos na final”.

Chegou o grande dia. Finalíssima. Não dormiu. A cabeça era um moinho. Além das preocupações com o jogo, coçava o couro cabeludo quando pensava na decisão, não do time, mas na dele de que, daquela vez, o mundo poderia desmoronar, mas não tinha nada ou ninguém que o impedisse de assistir seu time ser campeão. Contava como certo.

Emoção à toda prova. Foi o que viveu até o pontapé inicial. Antes, porém, tomou suas providências. Por bem ou por mal, firmou com a mulher de que não queria saber dela em casa, que fosse para a casa da sogra, para não dizer casa da mãe Joana. Ficou feliz quando a viu sair batendo porta, fazendo barulho na calçada, pisando alto. Deu seu jeito de saberem os amigos que

fossem se danar em qualquer canto, mas que não aparecessem naquele dia. Estava disposto a fazer qualquer desfeita, não importando com quem.

Cantarolava uma canção. O refrão não saía da cachola: “que emocionante é uma partida de futebol”. Não almoçou. Bem cedo inaugurou a primeira cerveja, afinal, a tensão empelotava, mesmo com a convicção de que, com o embalo do seu time, a vitória seria certa, não tinha adversário para segurar.

“Abrem-se as cortinas, começa o espetáculo”, como dizia um radialista d’outrora. Copo na mão, olhos estatelados na tela, se sentia em um paraíso. Mais que isso, já que seu escrete passava em campo e o adversário só segurava a pressão. Para ele, aquilo era uma apresentação de gala, o oponente seria triturado, não apenas jogava na defensiva, estava encantado.

O primeiro gol o fez chorar. “Eu mereço, eu mereço”, era o que repetia postando as mãos em forma de oração, agradecimento. Inacreditável. Primeiro tempo encerrado. Placar folgado. Sonoro três a zero. A cada gol: “Eu mereço, eu mereço”.

Com a taça na mão, quase, o coração mudou de cancha. Com tanto tempo esperando um título

que nem aquele, seria falta de vaidade vibrar sozinho, queria dividir aquela epopeia, ou melhor, “aquele massacre”, pensava com maldade. “Vem, querida, vamos comemorar juntos”, ligou para a esposa. Para cada amigo “venha, me desculpe, estava muito nervoso, a loirinha está geladíssima, depois queimaremos uma carne no carvão, aqui é sua casa, pode ficar à vontade, ninguém vai gritar mais do que eu”.

Antes do reinício do confronto, a casa foi invadida. Eram abraços, apertos de mãos, “que jogo, hein?”, “parabéns”, “dessa vez vai...” As preocupações deram lugar à euforia. O mundo estava com as cores do seu time. Os visitantes encontraram bandeiras drapejando por todos os lados, inclusive nas janelas que davam para a rua. Toalhas nas mesas estampavam o escudo do provável campeão, sem contar que seriam servidos em copos com o mesmo símbolo.

“Começou, começou”, avisou quando ouviu o trinado autorizando a sequência da disputa. Não se importou mais com o vozerio, com os palpiteiros, comentários e batidinhas de congratulação nas costas.

Mesmo ganhando de muito, não faltavam os xingamentos. “Juiz ladrão” era a todo momento

em que o lance não favorecia. Naquela tarde, não haveria a história de caixinha de surpresa. Estava no papo. Era esperar os próximos quarenta e cinco minutos, correr para o abraço.

O jogo endurecera. As alterações do outro lado surtiram efeitos. Mesmo assim, passada meia hora, o placar se mantinha como terminara o primeiro tempo. Só aos trinta e poucos minutos da etapa complementar o adversário consegue tirar o zero de seu score, um canhão da marca da cal, penalidade máxima bem assinalada. Rouba-da, segundo os contrários. “Tem jeito mais não, não dá mais prazo”, tentava agradecer um, “falta um tiquinho só”, dizia outro.

Em poucos instantes a vantagem foi reduzida pela segunda vez. A equipe oponente se mostrou viva na partida com um petardo do meio da rua, na veia, um pombo sem asas engavetou a redonda lá onde a coruja mora. “Golaço”, disse alguém. O olhar do dono da casa mostrou que a liberdade que reinava minutos antes tinha acabado. Silêncio total.

Contagem regressiva. Os ponteiros não ajudavam, pareciam parados.

“Bola que sobe e desce”, dizia o narrador. Queria ele informar o tempo de acréscimo estipu-

lado pelo árbitro, não conseguiu, a jogadaça interrompeu. Uma folha seca empatou o jogo. Gol de placa. Um tento para entrar para a história, uma pintura, feito que na sala não recebeu nenhum elogio.

Restava o consolo de levar a decisão do título para os tiros livres. O fanático não bebia, virava copo atrás de copo. Se agarrou com todos os seus santos protetores esperando a sofrida disputa de pênaltis. “Não é possível, estou sonhando”, se lamentava.

Últimos cartuchos. “Tá roubando”, enfureceu-se em desespero quando o bandeirinha estica seu instrumento amarelo para o semicírculo de escanteio. Derradeiro lance da partida. Bololô. Bola alçada, a defesa rebate. Alguém na sobra chuta, o goleiro espalma sem escolher a direção, na verdade, deu de munheca. A esfera continua rondando perigosamente. Novo tirambaço, o defensor rechacha em cima da linha, apenas resvalou.

A partir daí, ninguém via mais a cor da bola. Até o narrador ficou no “cadê ela?” Tentando entender a confusão de canelas, empurrões na zona do agrião, e para não deixar o ouvinte no silêncio, falava sem parar “quequêisso, minha gente?”.

A jogada só teve cabo quando o time que atacava esparramou pelo gramado. Comemorações. Uns correndo com os braços abertos, para cima, outros ajoelhados, em grupo. Fim de jogo. A roseira balançou no apagar das luzes. Virada sensacional. A criança dormitava, indiferente, tranquila, no fundo da rede.

Alguns convidados começaram a sair de fininho, outros esperavam pelo nada, quando o anfitrião, quebrando o silêncio, voz embargada, deixou escapulir: “Eu não mereço, eu não mereço”.

Dizem que foram suas últimas palavras.

# A VIAGEM



Aquela seria apenas mais uma viagem. Levantou, tomou banho, aparou a barba, sentou à mesa do café, conversou amenidades. Checou passagem, documentos. Arrematou o traje vestindo o paletó, despediu-se da mulher, passou a mão na mala, partiu.

Após os procedimentos no balcão da companhia, se instalou em um assento no saguão de espera. Passeou o olhar pelo ambiente. Concluiu que a aeronave estaria lotada. Esticou um sorriso de fique à vontade para um senhor que pediu licença para se sentar ao seu lado.

Um tempinho a mais. Escutou com estranheza o anúncio de cancelamento do voo.

Não achou de todo ruim. Com uma alegria que brotou de supetão, decidiu que faria um dia especial, agenda de improvisos, que nem mais lembrava do gosto, descanso reclamado há muito dentro de um tempo escorrido, contagem regressiva para a sonhada aposentadoria.

Ao chegar em casa, estava pronto para esquecer tudo que emborcasse no engancho com o trabalho. Acomodou-se numa bermuda, sacudiu longe a camisa, largou os pés descalços para sentir o frescor do piso.

Coçou o contentamento. Acariciou a folgança. Agarrou a revista semanal ainda lacrada, o jornal que a falta de tempo fazia pilha deles, sem mesmo uma olhadela. Aproveitaria também para adiantar a leitura do livro com o marcador, fazia um bocado, empacado na mesma página. Escolheu um monte de discos favoritos, se aboletou no sofá.

Mesmo com as horas dispensadas ao à toa, parecia que o relógio não lhe dava trégua pelo que desejava fazer ao longo da jornada. Ligar para tantos amigos, para os filhos. Queria apenas as prosas das coisas desembaraçadas.

No relaxamento, uma perna no assento, outra solta no encosto do sofá, deitou de barriga para cima, pousando os olhos no teto. Repassou coisas, lembrou dos idos. Desta vez, contrariando as anteriores embicadas para o passado, o saudosismo não veio à tona. Creditou tal indiferença ao cansaço.

Imaginou como seria boa a existência comparada a um novelo, uma cumbuca poderia também ser, de onde seria possível puxar apenas os bons momentos, recolher, guardar só os de bem querer. Aquele dia estava trazendo esse recado. Mergulhou em outra ideia. Agarrou em pensar no momento atual, o trabalho, o sucesso da empresa, o valor disso, a recompensa, se todos os esforços pagaram as penas.

Suspirou. Sem mais a necessidade das convicções que se embolam com as teimosias, desaguou no confidente alento de que, naquela altura da vida, buscar equilíbrio entre tais temas seria ficar na boca de um sumidouro de razões, utilizar uma balança com pratos discordantes.

Reparando na esposa, que passava de um lado para outro mourejando nos afazeres, amenizou comparações ao concluir que ali, sim, não

tinha feito que superasse tamanha harmonia. Com ela, os rebentos, satélites de seu mundo de contentamento.

Para não perder o ritmo de querer ter de tudo de que gostava dentro daquele dia, surpresa, presente caído do céu, pediu à mulher o carinho de um almoço especial. Não dispensou o vinho, nem a sesta que já esquecera da derradeira. Criou coragem preguiçosa, voltou às leituras, assistiu a um filme.

À noite, brejeiraram. Um carteado trouxe momentos de alegria com a mulher. Estava sepultada, no esquecediço, essa saudável rivalidade que sempre acabava num bem bom.

Depois, a cama. Deitaram, rolaram, comentaram, gracejaram como nos tempos em que se conheceram, onde tudo era novidade. No após, entregou-se aos devaneios. Na zina do torpor, em um delicioso estado de espírito, o pensamento pairou sobre uma enorme cratera. Nela, começou a descer lentamente, como uma pluma. Nas paredes, escritos em caligrafias diferentes, ditos de como melhor passar pela vida. Suavemente, de um lado para o outro, despencou a ler um por um. Sem chegar ao fundo, dormiu.

No outro dia, mesmo horário, mesma cadeira, estava novamente na sala de espera do aeroporto com semelhante pensamento: vencer o tempo de trabalho para, no lugar de negócios, as viagens de lazer.

Minutos depois, como no dia anterior, chegou o senhor pedindo, com palavras e gestos análogos, licença para ocupar a cadeira ao seu lado. Percebeu à sua frente a menina que, ontem, usando idêntico vestido, jeito igual de encostar na mãe, exibia a pequena sombrinha cor de rosa com borboletas.

Continuou observando. Notou que tudo se desenvolvia de forma tal qual. Incríveis repetições: a criança chorando puxada pela mãe até o banheiro; a senhora na cadeira de rodas com uma moça ao lado que esticava o tórax, se aproximando para falar alguma coisa; o casal de namorados, ignorando o ambiente cheio, trocava carícias entre beijos; o menino gordo que não largava o celular e, sem desviar o olhar um minuto sequer da telinha, freneticamente agitava os dois polegares no teclado do aparelho.

Notou que tudo estava, sem tirar nem pôr, como na primeira tentativa de embarque: as pes-

soas, as conversas, os movimentos, as roupas, os objetos, as bagagens de mão. Foi quando notou, atrapalhado, que não trocara de vestes. Invariável também foi o incômodo no estômago que o fizera colocar na boca, coincidentemente, a última pastilha de uma cartela verde.

Suas constatações, sem a sabença para o esquisito, foram interrompidas pela voz chamando os passageiros para o embarque imediato. Dali para frente, pensou aliviado, o portão seria o fim da repetência, um freio para aquele desfile de igualdades onde os passos vindouros das pessoas ele antecipava, certas previsões, com uma indecifrável meação do passado e do futuro, onde cada revelação moía seu juízo.

Sem rebolar da mente tudo aquilo que julgava estrambótico, não conseguiu a quietação. Seguiam as cenas. Tanto por tanto, que o fez botar reparo nas pessoas subindo a escada do avião, na aeromoça dizendo bom-dia aos passageiros com aquele sorriso decorado, na senhora que chamou o comissário de bordo pedindo para trocar de lugar, na criança entusiasmada repetindo alto um “vou voar”, no rapaz ao lado puxando conversa reclamando da distância entre as poltronas, na

decolagem, na paisagem a deslizar pela janela ao seu canto.

Não tinha mais a certeza de que aqueles momentos não eram repetições, mas borbulhava uma sensação de que já tinha visto ou vivenciado todos aqueles fatos, em algum passado que não conseguia precisar. Isso incluiu o instante em que, em meio à decolagem, observou a sombra do avião no solo vir de encontro à fuselagem, crescendo na mesma proporção que o desespero dos passageiros.

No chão, entre plantas e pedras, questionando a ausência de todos os outros ocupantes, ainda viu a aeronave, sem ruídos, subir, sumir no inverso do tombo.



O CÉPTICO



Não acreditava em nada que chegasse pronto. Um duvidoso. Barruntava sempre. Em qualquer assunto, só concordava com o seu “é assim e pronto”. Tinha que ser.

Vida após a morte, nem pensar. Isso talvez fosse o pano de fundo para procurar viver da melhor forma possível, desfrutar do bom e do melhor sem se importar com os cacos do sortilégio atirados no quintal alheio.

Problematizava tudo. Para o céptico não havia antisséptico. Um acataléptico. Discursando na defesa de um mote, era bem capaz de mudar a própria opinião, dependendo de quem emitisse palavras de apoio.

Fazia parte de um grupo de amigos inseparáveis. Como em toda roda, as divergências eram conhecidas entre eles. Na do céptico, existia uma evidência mais forte entre ele e um outro, polos extremados em qualquer assunto. Mulheres? Um gostava de gordas, o outro, de magras. Futebol? Um de cada lado da rivalidade mais fanática. Na música, um era rock, o outro bossa nova. Às vezes, nem se importava com o tema, mas tinha que ser contra, principalmente quando percebia que o outro levantava uma bandeira qualquer.

Pecado, para ele não existia. Sorte e azar, muito menos. Daí pode-se concluir que o seu opositor maior era um carola e, ao mesmo tempo, um apaixonado pelos jogos de azar, ou melhor, jogos de sorte, como definia. Tal figura jogava religiosamente em tudo que aparecia pela frente. Quando questionado na dualidade, respondia que o padre também exercia sua fezinha.

Nas questões lotéricas, o céptico era radicalmente contra, enquanto o outro era a favor e abusava nos palpites, buscando melhorar de vida com uma bolada boa, embora desconhecedor do sabor de um bambúrrio. Sua história na jogatina

se resumia apenas a trocados, miúdos que mal pagavam o valor da aposta.

Para provocar, o céptico repetia que sorte não existe nem para quem acredita nela, que loteria, coisa de esqueça, era o mesmo que enterrar dinheiro.

Debochava que o dito de “azar no jogo, sorte no amor” é conversa fiada. Ou se tem sorte em ambos ou, então, em nenhum. Rindo, completava que quem joga e não ganha, perde o bom humor e, sem ele, não se conquista nada. Arrematava dizendo que o amor não se expõe aos casmurros. Aproveitava e destrinchava algum conhecimento literário.

Diante de tal prolixidade, o amigo avesso o aconselhava a tomar cuidado com as palavras, elas são chamariz, que a sorte dá coice em quem brinca, não só no jogo, que ela ronda todos os nossos passos. A réplica era uma sonora gargalhada. Depois, mais brindes.

De surpresa, o apostador foi levado pela banca. Não teve bicho que desse jeito, nem pagando dobrado. O fadário o pegou desprevenido, sem deixar alternativas para mudar os números. Em uma cidadela de poucos carros, um deles,

perdido, o achou na calçada, em plena caminhada. Fatalidade.

O acontecimento pareceu ter levado ao céptico incômodos que afloraram sentimentos. Ou quase.

Com seu jeito garboso, às escondidas para todo mundo ver, durante o velório exibia a última homenagem que faria ao amigo. No momento de lacrar o caixão, deixou escorregar para dentro um bilhete.

Para beber o defunto, como diziam, a caminho do bar contou aos companheiros, em forma de proeza, a homenagem que fizera. Foi a uma casa lotérica, comprou um número qualquer.

— Fração?

— Não. Bilhete inteiro.

Relatou que, por simples curiosidade, antes de enfiar no bolso, reparou que a milhar combinava as datas dos aniversários do finado e a dele. “Bobagem”, disse, para não esticar a conversa.

Sentaram à mesa de sempre, agora com uma cadeira a menos. Lamentaram, lembraram de bons tempos, enalteceram o ausente.

Na boca da noite, ouviram um foguetório. Assuntaram com o dono do bar, ponto de jogatina:

— É a loja lotérica que vendeu o bilhete da fortuna, primeiro prêmio para nossa cidade, edição especial.

— Quem foi o azarado? — Perguntou o céptico, zombando.

Ao mesmo tempo em que o abridor fazia o barulhinho expulsando a tampinha da garrafa, uma voz respondeu:

— Ninguém piou até agora. Só se sabe que deu burro na cabeça.

Outro freguês completou:

— Eu, hein? Se o ganhador não cantou o ovo até agora, deve ser uma pessoa fria.

Era final zero nove, dia do nascimento do céptico. A sorte grande fora sepultada.



GRANDE AMIGO



**Z**ombavam dele. Às escondidas. Era o patrão. Apenas um silenciava: ele, o amigão, subalterno aguçoso, que inflava o peito com uma dor escondida ao ver o chefe no miolo da caçoadá. Calado, enquanto deitavam palavras, carregava nas costas que, mesmo sendo do peito, certas conversas atinam por tempo certo, pois prosas cheias de dedos podem cutucar lugar errado.

O descontentamento aumentava à medida em que os buchichos avolumavam, ramificavam, tentáculos espichando maldades. Inquietava-se nos intervalos, quando o chefe, rodeado por adutores, promovia gargalhadas fáceis contando piadas batidas, repetidas, sem sal. Pior, o reper-

tório se resumia àquelas de traições, de amantes aflitos com a chegada do marido, o armário, o debaixo da cama, o salto pela janela de um andar alto. Retido na observação, parecia adivinhar a imagem que cada bajulador montava na cachola: a do chefe chegando em casa e...

Em um belo dia, lá, o chefe chamou o amigo para um particular. Mão no ombro, sacudidelas, reforço para pedir atenção, julgava que revelaria um enorme segredo. O ouvinte, pousado de cabeça baixa, orelha empinada para o que já sabia, abanou entendimento pelo que os corredores retumbavam há tempos.

Diante de todas as pessoas a quem anteriormente anunciara a própria separação, o chefe ouviu conselhos: “Pense bem”. “Conte mais de uma vez antes de definir”. “Considere como uma crise, faça uma terapia de casal” e por aí foi orientado.

Com o grande amigo, a coisa foi diferente. Sem rodeios, na bucha, escutou:

– Fez muito bem. Meus parabéns!

Com essas palavras, o último a saber do entrecho se viu vingado. Não por se sentir menosprezado, ser vítima de uma desconsideração, pelo contrário, mas por se sentir um amigo no

vero. Estava cansado de carregar a falta de coragem para contar tudo que sabia, o que promovia uma sensação inquietante, ardume que corroía a sinceridade que deveria ter com o outro.

Depois da manifestação, sentiu a leveza: companheiro é companheiro, sempre. Levantou a cabeça. Percebeu que o chefe agora é quem abaixara os olhos e, só depois de um tempinho, quis proferir os motivos da separação, mesmo sem ser perguntado:

– Incompatibilidade de gênios.

Achou o termo de muita usança. Reformulou antes de qualquer manifestação do amigo:

– É que o encanto da vida a dois fenecera.

– Hummmmmmm?

Percebeu que romanceara em tolices. Tentou consertar:

– É que os pratos que a gente preparava, entre beijos e insinuações, perderam o tempero, entende?

– Hummmmmmm!

Piorou. Topou num beco sem saída. Não piou mais.

Voltaram calados para o escritório. Lado a lado, pareciam andar no escuro, abafados, como se respirassem através de um buraco em teto de mina, quando a quietação foi quebrada:

– Parabéns, mais uma vez. – Reafirmou o amigo.

Ao entrar em nova fase, o mais novo separado do pedaço se esbaldava. O gogó não desinchava. As narrações dos galanteios, dos beliscos, não paravam. Eram sempre acrescidas de artes não acontecidas. Papudo.

Esbanjava. Sublinhava que tinha se esquecido da vida na imparidade. Repetia sem parar que uma reconquista, uma revivificação é sempre mais saborosa. Era o que estava acontecendo com ele, que se soubesse disso teria caído no divórcio bem antes, na reconciliação com a liberdade, saudosa juventude.

Os mesmos que o aconselharam a rever o desquite, agora apoiavam, tapinhas de falsíδια: “Vá em frente”. “As portas estão abertas”. “Aproveite a vida”.

Mais uma vez, o faro do grande amigo percebeu, aí tem, semblantes que viajavam da maciez de conquista à dureza de solidão. Matou a

charada: o amigo queria se mostrar vitorioso, a ex-mulher se mostrava vistosa.

Não tardou, rumaram para mais um particular. Amigos novamente em segredo de colmeia:

– Uma coisa me intriga. – Pigarreou o amigo. – Quais foram os motivos que levaram você a me parabenizar no dia em que falei de minha separação?

Sem pausa, a resposta veio na chofrada:

– Muitos. Na verdade, a coisa é uma só, repetidas vezes.

– Seja claro. – Pediu o chefe.

– Você acha que só você vivia na folgança de um tico-tico no fubá? Pois nunca foi. Sua ex-esposa também tinha, no escondidinho, dias de sem lei.

– Por favor, adianta, desembucha. Olha, nossa amizade não precisa de vai não vai.

– Pois é, meu caro, vocês eram chumbo cruzado. Só aqui na empresa, desenvolve um falatório de uma meia dúzia de dois ou três.

O enredador, para amenizar o supetão, acrescentou:

– Modo de falar, cê sabe como é, nêvão?

O descasado abriu os braços, fez cara de desprezo, como quem não se importa. Quis enganar. O lábio inferior pendeu, tremia desarranjado. Gaguejou silêncio. Exclamou, com ele mesmo, engolindo sílaba por sílaba:

– Não estamos mais no tempo das preacas!

Achou que derreteria. Daí, afinou, emagreceu nos pensamentos.

O outro, julgando que o impacto não fora o esperado, destrinchou tudo que sabia:

– E tem mais. Muito mais: Academia. Cinema. Entregadores.

Não escorregou mais nenhuma palavra entre eles. Se entreolharam, apenas. Retornaram à faina.

Passava o tempo. Santo remédio! O assunto caiu no esquecimento. Dos demais convivas, bem explicado.

Novidades chegavam. A da vez abafava a anterior. Sempre assim. Os peritos do alheio cuidavam com esmero. E foi rodando, rodando até que uma nova resenha aterrissou, mexeu.

Dessa vez, ao contrário da anterior, o amigo foi o primeiro a saber. Preferia não ser. Ou nun-

ca ter sido. Para ele o mundo desabou quando, chamado uma vez mais para botar a conversa em dia, esperava tudo, menos:

– Grande amigo! A novidade é que reatei o casamento. Estamos em lua de mel.

A mudez mostrou a nudez do constrangimento, colocando fim na conversa que o chefe queria que fosse prolongada, para entremear filosofias das voltas que a vida dá, no dia após dia. Não deu. O tempo murchou de ensinamento. Entendendo a garabulha em que se meteu, o sabe-tudo comeu pressa. Descabreado, tomou caminho. Por mais que aumentasse os passos, parecia não sair do lugar. A cabeça fervia. “Pensei que estava fazendo um grande favor”.

Se sentindo dedo-duro, um badalo, sino insistente, repicava em seu cérebro: “Deus me livre, Deus me livre”.

Por um bom tempo, a amizade parecia ter caído em um fosso onde se guardam momentos abafados pela sem-gracice geral, aqueles acontecidos de que ninguém gosta, não se quer lembrar; mas, para a inquietação de cada um, o baú, fiel depositário, não possui tampa.

Deu ruim. De um lado, a comemoração do reencontro. Do outro, a língua esturricada.

Meses. Mais meses. Permanecia entre os velhos amigos apenas as gentilezas de quando chegavam e saíam do escritório. Um bom dia com sorriso amarelo. Um até amanhã com cara de alívio.

Ambos torciam para esborrachar no ambiente qualquer coisa, um de agora explosivo, para desatar aquele nó cego, que parecia vitalício.

EREMITA POR UM DIA



Sentado na varanda grande da casa de campo, pensativo, olhando o verde, botando reparo mais aguçado como não fazia há muito, ouvia trinados no lugar de pios meros, observava os pássaros, cores saltando de galho em galho.

Envolvendo-se todo em olhos, arrematou que coisas interessantes podem emergir do nada, sem a busca dos fios da meada, esbarrando, de tranco, no que pode ser uma esborralhada, fazendo com que calquemos aos pés, a rotina.

Achou graça que a monotonia dos últimos tempos, vida tão somente dos anos a derrubar anos, pudesse girar ideias numa fração de segundos, mostrando que, ao contrário do que ele imaginava, era ainda possuidor de sentimentos

guardados, conveniência talvez, mas que poderia redescobri-los. “Por que não?” Bastava retirar o tapume que os camuflava. Encontrar retempero. Temperar reencontros.

Comparou momentos da vida à enxertia de uma planta, onde se reúnem diferentes características individuais para a obtenção de um novo indivíduo. Pensou em tudo. Desembocou essa comparação em sua situação, onde o porta-enxerto e o enxerto tentaram formar um único, nas palavras do padre. Enxergava nisso um harmonioso sem mais tradução. Tradição rasa.

Seguindo a senda, fez lembranças. Tantos porta-enxertos que conhecia, que sustentavam a frondosa ramagem para os frutos sem ter o direito, pela imposição do produtivamente correto, de emitir um broto sequer de sua própria cepa.

Esse turbilhão ocupou seus pensamentos por um tempinho. Veio o estalo, estava isolado de tudo, ocasião rara, nem se lembrava da última vez que se sentiu acompanhado dele, só ele, no singular de múltiplas vontades.

Ficou sozinho, por preferir não acompanhar a esposa e a prole no encontro anual da numerosa família. “Dessa vez não”, gritou para ninguém ouvir. Não sabia como, mas acabou acon-

tecendo. Estancou contente. Achou o céu ficar sem os brindes tão os mesmos de todos os anos, das conversas repetidas, um tal de “você lembra daquilo?” “E o que você aprontou naquele dia?” “Como você cresceu!” “Olha, tá tão bonita, não sei se puxou o pai ou a mãe”. E assim ia que ia para não ir a lugar algum, desandar miradas vazias, prosas chatas sem rumo. Tudo isso em um só dia que não passava. Um nunca. Um desvenecer, em suas palavras.

Lembrou também dos fins daquelas festas, gente apalmando tontura por todo lado, ele também.

Incluído nessa situação, o pior para ele era não lembrar, no dia seguinte, das coisas que aconteceram, amargar a esposa no “você ontem... Hein?” Era um tormento que a danada fazia questão de não completar frases. Não falava mais nada além disso. Repetia, que nem badalo de relógio antigo, se não de meia em meia hora, com certeza, a cada hora cheia, som que moía, remoía, tornando-o um bichinho de estimação querendo ser bonzinho com a dona, inventando assunto diferente a todo momento, agradar para amenizar qualquer coisa que foi feita no ontem, mesmo que não fosse destaque, mas, como saber?

Nessa confraternização não foi. Primeira vez. Não acrisolou as amizades dos parentescos. Isso o surpreendeu. Tinha a certeza de que todos perguntariam por ele. “Que pena!” “Vai fazer falta!” “Logo ele, tão animado!”. Tudo falsidade. Mudou de ideia.

Sentiu uma pontinha de deserção, passou logo, “fazer o quê?”, se consolou, em sua cabeça reinou a oportunidade de beber umas na liberdade total, sem o “chega de tanta bebedeira!” Ou, “quando começa a beber não para mais!”

Animou-se mais ainda. Festejou. Estava só. Seguiram viagem. Todos. Até o cachorro. Acompanhou o carro até sumir de vista na reta da estrada. Pensou um “até amanhã”, sentiu que, além de sua família e toda a parafernália que um ser atualizado tem que penduricar, seja lá onde quer que vá, aquele veículo carregava algo que ele não sabia o que era. Pensou, pensou. Pensou de novo. Continuou sem saber. Cortou de vez essa preocupação, esfregou as mãos, imaginou a satisfação que esse um dia para o outro poderia proporcionar. Enumerou. Começou pela beberagem, seguiu a música que também seria à vontade, sem a mistura de palavras que sempre

vinham lá de dentro, uns tais: “abaixa o som!”  
“Tá surdo?”

No meio da tarde, pensou na confraternização familiar. Sentiu-se muito bem, sabia que sua festa particular começaria mais cedo, livre dos discursos para os quais colocavam até crianças exaustivamente ensaiadas para arrancar admiração, fazer inveja aos parentes.

Abriu a primeira garrafa. Antes, lascou na vitrola um disco dos tempos de juventude. Já nos primeiros acordes, lambeu os lábios depois de virar o primeiro caneco, aquele de matar a sede.

Viu-se relaxado em um paraíso. Completo por não ter Eva. Nem serpente. Nem maçã.

Reaprendeu, em poucos copos, a viajar sozinho. Foi, voltou vezes em diversos pontos do mundo, mirabolou. De olhos fechados, calibrou visões apaixonantes, lugares extraordinários. Adaptou-se rapidamente a sonhar apartado. Estava apreciando cada minuto, cada dose, cada música. Cantava. Fazia dupla com ninguém. Depois de muitas talagadas, brincava, se entregava aos próprios recursos. Conversava. Desemparelhado? Não. Com ele mesmo.

Num repente, as primeiras notas de uma melodia o remeteram para onde e com quem só

ele dava conta. Começou a dançar. Cruzou os braços no peito. Com as mãos jogadas nos ombros, acarinhava a própria nuca com as pontas dos dedos. Voou. Sentiu o perfume dela, a penumbra dos salões das grandes orquestras, balbuciou palavras românticas, ouviu respostas, passaram juntinhos um bom bocado, brindaram, se embriagaram, cambalearam até o quarto.

A aurora mostrou sua cara. A ressaca despejou seu sabor. Só ele sabia da noitada. Só ele não lembrava de nada, mais ninguém. “Que bom”, achou graça não ter que dar satisfações.

No fim da manhã, o retorno da turma, a barulheira e o falatório desvendaram aquilo que o carro levava no dia anterior e ele não conseguira decifrar.

“Como passou a noite? ”, perguntou a esposa. “Tudo bem”, respondeu. “Dormi cedo, sonhei que era um eremita”, completou.



**Fabiano A. Salim** nasceu em Patos de Minas, em 1957. Viveu a infância e adolescência na cidade de Patrocínio, Minas Gerais. É Engenheiro Agrônomo, formado pela Universidade Federal de Viçosa onde também fez mestrado em Extensão Rural. Este é o seu quarto livro composto de contos e casos. Possui vários trabalhos publicados em antologias, revistas e jornais. Participou de concursos literários sendo ganhador de diversos prêmio a nível nacional.

Contato com o autor:

[fabianosalim@gmail.com](mailto:fabianosalim@gmail.com)

...Sonhava. Quem dera ter com uma vida que não a de ficar observando os segundos formar os minutos e os minutos horando pelos dias.

Extraído do conto "A Lavadeira"

